

RECORDAÇÕES DA MINHA ALDEIA

1 — Uma Adega Monárquica



Ainda hoje, nas frequentes visitas que faço à minha querida aldeia, GADOS de seu nome, sinto qualquer coisa de irresistível que me leva a percorrer vagarosamente os andarilhos onde passei a meninice, das Cabeças ao Barbadão, do Moinho de Vento e Pinoco do Jarmelo ao Pico, da Resina à Eira Alta.

Nesses passeios, em que recordo o passado e me interrogo sobre o futuro, são contos obrigatórios das minhas solitárias meditações os agrestes barrocais, majestosos carvalhos, venerandos castanheiros, pulidas lajes dos caminhos com profundos sulcos abertos durante séculos pelas rodas de milhares de carros de vacas, cortes desmanteladas que outrora guardavam coelhos, patia e feno, campos abandonados que eu conhecia mimosos de renovo e fruteiras...

Tudo isto me traz à memória os contornos que eu por ali via continuamente a labutar no duro e que já pagaram à terra o que nós ainda lhe estamos devendo; de todos eles guardo tão gratas, familiares e inesquecíveis recordações que quase me sinto obrigado a evocá-los publicamente e trazê-los à terna neste convívio espiritual, de acordo com a bela frase de santo Agostinho: não morrem os que ficam vivos no coração de alguém.

Procurarei, pois, relembrar factos e pessoas que deixaram rasto, sempre sob um aspecto desenfadado, jocoso e alegre; longe de mim afon-

tar os sentimentos dos vivos, e muito menos beliscar a memória dos que já partiram. Devo, no entanto, acautelar que escrevo à rédea solta, por alto galho, não só devido aos muitos anos passados, mas também porque nem sempre fui testemunha presencial dos factos narrados; nesses casos, ao falar de outiva, é natural que caia sob a alçada do ditado: quem conta um conto, sempre acrescenta um ponto.

Para iniciar a série, escolhi um dos gaguenses mais lípicos e castiços que conheci — o ti João Saraiva, cujos ditos ainda hoje andam de boca em boca, quase com a força de provérbios.

Por toda aquela redondeza era celebrada a sua adega, não só pela regalia de um vinho que não havia mister preço nem ramo de loureiro, mas sobretudo pelo ar monárquico do ambiente. Logo à entrada, sobressaía na parede um quadro da família real portuguesa do tempo de D. Carlos, e, ao fundo, alinhavam quatro bojudos tonéis de 20 almudes, em cujos robustos tampo de carvalho campeavam, em grandes e toscos caracteres, os nomes: D. PEDRO, D. MIGUEL, D. AFONSO e D. JOÃO.

O D. PEDRO era sempre o primeiro no atesto e na sangria: recebia a torneira de chaveta pelo S. Martinho, ficando desde então a seu cargo as copiosas libações da Consoada, do Natal, do Ano Novo, dos Reis, do Entrudo, da poda das videiras, da fabricação da aguardente e sobretudo da famosa matança, na qual o ti João não se fartava de repetir que antes lhe caísse o porco do chambranil do que haver miséria de vinho em tal dia; isto

sem falar dos intermináveis serões de inverno, com jogos de sueca, castanhas assadas e chourças frescas atormentadas no borralho, que o D. PEDRO tinha de animar, amaciar e atentar.

E com tudo isto ia-se debilitando até que, em princípios da quaresma, cessava o seu reinado, passando a torneira de chaveta para o D. MIGUEL, a quem cabiam as pesadas responsabilidades da Páscoa, da sementeira das batatas, dos folguados de S. João e de S. Pedro, da celta do feno e do centeio, e sobretudo da festa do padroeiro, S. Marcos Evangelista, com suas vésperas e oitava, altura em que a adega do ti João Saraiva parecia o curral do Concelho: escancarada de par em par, como portão de quinta, não consentia que passasse algum transeunte pela rua sem lhe beber uma caneca de quartilho, lastrada com um coscoirel ou uma fatiga de pão-leve; fazia isto quase por devoção e, segundo afirmava, até S. Marcos, do alto do seu trono, acenava complacente quando o via entrar na igreja.

Na primeira quinzena de Julho chegava à vez de D. AFONSO, que durante bastantes anos mantinha a tradição do torneira de fuso, passando depois para a de chaveta; a sua alçada estendia-se teoricamente até ao S. Martinho, estando-lhe consignadas a célebre malha do centeio, a tirada das batatas, a sementeira dos nabais e searas, a famosa vindima, a festiva lagaragem, a destolada do milho, os concórdios e ruidosos magustos, etc.

O D. JOÃO, que nem todos os anos se enchie, teve sempre torneira de fuso; era o barroco dos tiros de quantos

pobres havia na aldeia: todo ele se esvalia em cabaças, borrachas, garrófãs e ancoretas que iam alegrar a mesa dos necessitados. Dizia o ti João, por graça, que o D. JOÃO havia de ser o seu advogado no dia do Juízo Final, no Vale de Josafat, por que dando aos pobres, emprestava a Deus, e Deus não era de más contas, por isso não ficaria a dever.

Sempre me tinham feito espéncia aqueles ritos e precedências, para os quais não encontrava explicação; por isso, numas férias grandes, veio mesmo ao pintar da faneca o convite que me fez para ir molhar o bico e visitar a adega. Fui e, de facto, em lugar bem visível, ladeado por duas enormes botelhas à laia de sentinela, lá estava o quadro da família real, e, bem assentes em malhas de freixo, os quatro famosos pipos. Depois de mirar e remirar tudo, tirei náboos do púcaro: — O ti João, peço que veja vocemente, está aparantado com os reis de Portugal; só lhe falta pedra de armas. Por que baptizou assim o tonéis?

Como se esperasse a minha pergunta, pegou logo de estaca e desatou emocionado, enquanto duas canecas apuliam à torneira do D. AFONSO:

— Olha, eu já era um rapazão, pagou como pedreira, quando o Sr. D. Carlos de Bragança e a Sr.ª D. Amélia de França vieram à Guarda inaugurar o Sanatório; aqui despoventou-se tudo para os ir ver; eu agarrei e 'ji também à estação, mais alegre que melro na primavera.

Era lá o poder do mundo, gentiço do pasmar, tudo enfeitado e embandeirado como em dia de procissão. Os reis chegaram num comboio imperial, e depois de muitos

cumprimentos e exéquias subiram para um coche dourado, mais lindo que um andar, e formou-se o acompanhamento para a cidade, com bandos de generais, almirantes, marquesses, gente grave com tardas ricas, de muitas cores, e outros apañados de fidalgos; o estraijar de foguetes, as marchas das bandas de música, os vivas e as palmas faziam um barulho de ferros castelhanos; os reis mostravam-se tão populares e agradecidos que muitos choravam ao vê-los; até a mim, que estava mais aporlado que leiva de pipa, me vieram as lágrimas aos olhos. Só muitos anos depois, em Fátima, é que vi coisa tão gloriosa.

Contente como sino em noite de aleluia, passei o dia com uma bucha de pão e queijo que levei no bormal, mas não sentia fome; quando à tarde me vinha embora, comprei à saída, como recordação, esse quadro que aí vê; quando me casei trouxe-o comigo e pendurei-o na sala, ao lado do retrato de meus pais.

Uns anos depois vieram cá os missionários pregar uma missão, e no fim entrinzeram os Sagrados Corações de Jesus e Maria em quase todas as casas. E vai a minha Catarina toma dali pé de cartilga e entra-me assim de tamancos: ó homem, é melhor tirares daí esse quadro; olha que até parece mal virem cá os missionários trazer o rei do céu e encontrarem no lugar dela os reis da terra. Quando tal ouvi, fiquei mais arregrado que se tivesse recebido benção de castelhanos; eis bem compreendeu que eu tinha dado à casca, piscou-se logo, e foi o melhor que fez.

Agarrei no quadro, pendu-

rei-o aí onde o vê, já lá irão mais de 40 anos, e aí há-de continuar enquanto Deus me conservar acesa a lamparina, e já disse muitas vezes aos meus sobrinhos e herdeiros que, mesmo depois de morto, lhes retirarei a minha bênção se o desprazarem. Escrevi aqueles nomes nos tampo para ensinar à minha Catarina a História de Portugal e os homens primários que a engrandeceram. Sou toco e rústico, mas português antigo, assim meus olhos vejam a Luz Perpétua.

Enquanto ouvia maravilhado a florecida narrativa, tosquei a um canto um pipo velho, desprezado, cheio de teias de aranha, identificado apenas com a letra "F". Concluí que fosse algum bastardo real que a decência aconselhava a manter afastado da linha dinástica. Baruntando que da mata sairia lobo grande, aventei:

— O ti João, aquele infeliz não tem dom? É o D. FERNANDO, não é?

— Não faltava mais nada para o diabo se desangonar de riso! Qual Fernando nem qual caraquai! É o FILIPE, representante dos castelhanos; pertence à minha Catarina, deita para lá as escorralhas para fazer vinagre e eu costume pôr-lhe em cima os atafais da burra e do cabresto. Não é muita do meu alambique.

De bom grado ficaria ali horas esquecidas a ouvir as parliendas do ti João, mas a família esperava-me; não me deixei abalar sem beber uma caneca do D. AFONSO e endireitar o corte a meio-bacalhau que guardava na capeira. Prometo, porém, aos benévolo leitores que voltarei a trazê-lo outra vez à baila, com não menos interessantes números do seu vasto reportório.

Abel Saraiva



Igreja de Pousafoles

Uma das muitas igrejas do concelho que no mês de Agosto se encheram de emigrantes, a passaram férias entre nós. Já partiram quase todos. Que sejam felizes nos seus locais de trabalho. Foi também nesta igreja que se celebrou o Dia Sacerdotal

SABUGAL

Festa Sacerdotal em Pousafoles do Bispo

Dia 30 de Agosto. A ampla igreja de Pousafoles do Bispo quase se encheu de fideis comprometidos para celebrar o Dia Sacerdotal, promovido pelo seu zeloso Pároco, Pe. Carlos Martins.

Realizava-se nesse dia a reunião anual dos discípulos do Pe. Carlos, que aproveitou a ocasião para levar o seu povo a rezar pelos sacerdotes e os sacerdotais e aproximarem-se do povo de Deus.

De perto, do Sabugal, veio o Pe. Teixeira Souta, e do Vale da Senhora da Póvoa, o Pe. Francisco Chorão; de mais longe, dos ladões da Marofa veio o Pe. João Garcia, acompanhado do Pe. Farelleira, amigo deste curso e das bandas das faldas da Estrela vieram o Pe. Santos Pimentel e Pe. J.ão Gomes Gonçalves; de mais longe ainda, da planície heróica do

Alentejo, veio o Pároco da cidade de Montemor-o-Novo, Pe. Lavajo Simões.

Todos concelebraram numa Eucaristia bem preparada e, por isso, participada por todos os assistentes. Ao órgão esteve o Carlos Manuel e foi salmista o David João, antigos seminaristas do Seminário da Guarda. Fez a homília o Pe. João Garcia que desenvolveu o tema: O Sacerdote é o que serve Cristo no Povo de Deus e que serve o Povo de Deus, servindo a Cristo.

Comunhão numerosa, oferecida, por certo, pelos sacerdotes presentes, os quais agradeceram a Deus o dom do sacerdócio, sufragaram os discípulos e superiores falecidos, e rezaram pelo povo de Pousafoles e pelos seus povos.

Passava um pouco do meio-dia, quando a celebração eucarística terminou. Cada um foi para sua casa e os sacerdotes presentes e ainda o antigo seminarista Abel Lavajo Simões e sua gentil esposa foram para a casa paróquia de Pousafoles.

E aqui termina a missão do jornalista, porque o que se passou a seguir já não tem história. "Foram eles que comeram o leitão e não o leitão que os comeu a eles".

Na Colónia de Martin-Rei arderam quatro casas

O último Domingo de Agosto, dia 25, foi de inferno para a Colónia Agrícola de Martin-Rei. O fogo subiu dos ladões do Rio Côa, lambou toda aquela encosta, espalçou-se pelo planalto, devorando árvores, culturas, lameiros, cercando casas e queimando as mais abandonadas. Foram elas as que pertenceram a José Manuel Parcial, a Manuel do Carmo Poesça (do Germa) e Manuel António Cunha e José Tomé Candelas. Nesta última, perto da Assistência Técnica (hoje também abandonada) viveu uma família, cujas filhas estão dispersas. O marido morreu há 2 ou 3

anos e a esposa foi aquela infeliz que morreu queimada no desastre de combolo há anos ocorrido na linha da Boira Alta.

Lembreiros que no ano passado tinha arido na Colónia uma outra casa e há anos ainda uma outra. Estas duas foram reconstruídas e nelas continuaram viver os respectivos colonos.

Liga dos Amigos de St.º Estêvão

No passado dia 20/08/1991 fez-se a escritura de doação de Gergete Mendes Salzedas a favor da Liga dos Amigos de Santo Estêvão, com vista à construção do centro de dia para a terceira idade nesta freguesia, denominado Lar da Imaculada Conceição.

Da promessa contrato de doação, a menina Gergete cumpriu já a sua parte. Urge agora que a LIGA cumpra o que prometeu:

— Construção de um centro de dia para a terceira idade, denominado Lar da Imaculada Conceição, nos terrenos doados para esse fim;

— Construção no mesmo local de uma pequena habita-

Novos Assinantes

O Outono anuncia-se já no ouro de algumas folhas, na frescura e orvalhadas das manhãs. É o Outono dos frutos, que o sol estival queimou impiedosamente.

Esta coluna, também ela, se situa entre duas estações. Aqueles que vêm chegando, como os que há muito estão conosco, sabem que é assim, sendo fácil entender o símbolo. Saudamos os recém-chegados.

José de Almeida	FRANÇA
(Ang. por Vítor de Almeida)	
D. Maria Graça Oliveira Dias	MANTEIGAS
Lúis Filipe Almeida Parizo Rebelo	GUARDA
SOVIATO 200, Lda.	GUARDA
Verâncio Vítor Penado Sancha	MARMELEIRO
Manuel Monteiro	FRANÇA
Domingos Jesus Alves	FRANÇA
D. Margarida Maria Silva Gonçalves	GUARDA
Fernando de Lemos	SUÇA
Maria de Lurdes Marques P. Lemos	(GUARDA)

ASSINATURAS PAGAS

da Pág. 9

António Gouveia Bar Restaurante "O Pelicano", Alfaiates; Alice dos Santos, Guarda; Maria Isabel Machado, Pe. Milau; Maria de Lurdes Baeta de Campos, Guarda; Associação Recreativa de N. Haver, Nave Haver; Esmeralda Andrade, Bendada; Irmãs do Colégio S. José, Guarda; Georgina de Jesus N. A. Rodrigues, Méios; V. Alberto Vieira do Vale, Belmonte; António Simão, Guilhafoz; Jerónimo Dias, Laranjeiro; João Almeida dos Santos, Avelãs Ribeira; Domingos Alberto N. Duarte, Guarda; Ourivesaria Ruby, Guarda; António Alberto Camilo Sena, Corujeira; José Ascensão Pinto, Almada; Manuel Gregório Martins

Tavares, Guarda; Dr. Asdrubal Almeida Dias, Vide; António Silva Brito, Vide; Carlos Alberto Costa Oliveira, Lisboa; Isabel Maria Nicolau, Soito; António Carvalheiro Encarnação, Guarda; Heródico Farinha Beirão, Lameiras; Fernando Pereira Soeiro, Setúbal; Fláustino Graziana Santos, Almeida; Luís Manuel Marques, Gonçalves; Joaquim Anjos Pereira, Gonçalves; Olívia Jesus P. Martins, Gonçalves; Pe. João Alves Correia, Freixededas; Prof. Álvaro Lopes Carvalho, Guarda; Manuel da Fonseca Dinis, Guarda; Aida Roque Simões, Manigoto; José Pires, Vale Estrela; Luís Manuel Marques, Guarda; Dr. Manuel Pires da Rocha, Vila Franca Xira; José Pires da Rocha, Maçanhas; Manuel José Soares, Lisboa; Mário Marques, Sabugal; Alberto Gomes Saraiva, Soito; António Fonseca Monteiro, Soito; Joaquim, Escada Marques, Guarda; Orlando Manso Afonso, Guarda;

António Ferreira, Porto; Martiniano Gomes Saraiva, Seia; José Artur Lourenço Domingues, Guarda; José Martins Gonçalves, Guarda; Pe. Manuel Fernandes, Carvalhos; Branca Ana Galinho, Setúbal; D. Maria Eduarda Fernandes, Clorico Beira; Júlio Coutinho dos Santos, Guarda; Dr. António Carlos Pereira dos Santos, Guarda; Manuel de Jesus,

Valhelhas; Dr. António Luís Andrade Vitória, Açores; Maria Judite Monteiro R. Simões, Freixededas; Irmã Carlota Vilhena e Fonseca, Freixededas; Manuel Augusto Robalo, Amoreira; Elisceu Brás Lopes, Marmeleiro; José Luís Pereira Monteiro, Badamalos; Pe. Paulo Gomes Costa Afonso, Lameiras; Dr. António Marques Fragoso, Lisboa; Virgínia Varandas, C. Beira; Maria Rosa Marques, C. Beira; Mateus Monteiro Pontinha, Guarda; José Joaquim de Sousa, Valverde; Maria de Lurdes Leal, Guarda.

Rosa dos Ventos

da Pág. 11

que se fizeram vultos representativos como emigrantes. Por ex. Horácio Roque, emigrado para a África do Sul em 1975 e hoje administrador e acionista de mais de 45 empresas.

A empresa "Tela Tool", criada por um português que chegou à América na década de 70, como torneiro mecânico, e hoje fornece peças para aviões e navios especiais à NASA e à Força Aérea Americana. Ainda o nosso compatriota Valentim dos Santos Dinis, criador do "Pão de Açúcar", e Dimas de Melo Pimental, criador da "fábrica de relógios Dimep". Uma nova visão dos portugueses no mundo, sobre a qual merece a pena pensar.

Lenine fora da Praça Vermelha

O presidente da Câmara de Moscovo declarou que os restos mortais de Lenine saíram da Praça Vermelha de Moscovo e irão para o cemitério de S. Petersburgo (qual Leninegrado?), onde estão os restos mortais de sua mãe.

Apesar de a televisão nos ter dado imagens sugestivas (mas tremendas) deste derrubar de ídolos, o presidente da Câmara moscovita ainda afirmou: "Há muita gente que pensa que, deixando abaixo um monumento, está também a destruir o velho sistema. Todavia, um sistema é incomparavelmente maior, mais complicado e mais duro (do que um monumento)".

É verdade... mas factos são factos e, contra eles não há argumentos...

Pavarotti

O grande tenor italiano Luciano Pavarotti, que tanto temos visto nas televisões portuguesa e espanhola (e os fãs botas ao vivo, há pouco tempo), teve de interromper um concerto nos jardins do Palácio Real de Rosenberg, em Copenhaga, por motivo de doença.

Isso aconteceu em 20 anos, nos quatrocentos espectáculos que o grande cantor já deu.

E insistem...

Os Partidos Comunistas estão a tar a sorte que todos

vêm...

Não obstante, Júlio Anguita, secretário-geral do PCE, diz que o seu partido continua a existir, porque "tem nova razão de ser". Para ele, a palavra comunista "continua a ser irrenunciável" e "ser comunista é um compromisso com toda uma aposta, como referência de rejeição do que existe e a vontade de transformar o que existe".

Sempre a contradição e dominar a ideologia!

"Nova Evangelização"

Esta ideia lançada por João Paulo II, na sua visita à Checoslováquia, vai estar na base do Sínodo Extraordinário dos Bispos sobre a Europa (a realizar no Vaticano entre 28 de Novembro e 14 de Dezembro).

Após a queda dos regimes ditatoriais de Leste, e poder ser uma boa oportunidade, para os Bispos de Leste e Oeste, verem com "novos" olhos esta situação da Europa, a reclamar novas e criativas soluções, segundo o que o Sumo Pontífice deseja. E Ele tem boa autoridade para o desejar e fazer.

Acidentes de viação

Não são só os acidentes de viação que causam mortes "in loco", pois parece que os traumatismos provocados pelos mesmos desastres chegam a matar mais de três milhões de pessoas por ano (6,5 por cento da mortalidade total).

As estatísticas, neste sector, precisam de ser revistas... ou vistas em dois planos, pelo menos.

Defesa da Língua

O jornal do Rio de Janeiro "O Globo" informa que a Câmara do Salvador da Baía decidiu por lei não conceder alvará para a construção de projectos imobiliários que utilizem nomes estrangeiros. O autor do projecto procura acabar com os nomes estrangeiros em francês, inglês ou italiano, que procuram dar pompa aos mesmos projectos: "palais", "palace", "palazz", "shopping", etc.

Os empresários alegam que há um impacto maior no campo do "marketing", so que o autor objecta que antigamente não se usavam aqueles nomes estrangeiros e os imóveis vendiam-se da mesma forma.

SABUGAL

12.ª Pág.

quarto, sala, cozinha e casa-de-banho) que será propriedade da Liga, mas que a menina Georgete terá o direito vitalício de habitar, prestando-lhe ainda o Lar, gratuitamente todos os serviços que prestar aos idosos que recolher, por forma a ficar assim assegurado o amparo da sua velhice;

— Ficará para sempre gravado em pedra, à entrada do Lar, este contributo de Georgete Mendes Salzedas, para eterna memória do muito gosto que teve em ajudar, para glória de Deus, aqueles que lhe são mais próximos e queridos.

Para que a Liga dos Amigos de Santo Estêvão possa cum-

pir com estes compromissos assumidos, dando à população idosa da nossa terra todo o apoio de que carece e merece, a LIGA conta conosco, contarão-se amigos de Santo Estêvão.

A LIGA é de todos e para todos os que a ela (Liga) quiseram aderir. Faz-te sócio. Participa através de donativos. Dá sugestões.

Esclarece-te junto de qualquer um dos sócios fundadores: Joaquim Gonçalves Carmona; Maria do Céu Soares Paiva, António Manuel Pires da Silva, José Soares Paiva, Paulo da Costa Carmona, Paulo Jorge Bogas Paiva, Irene Alves Tavares, Maria da Graça Nabais Gonçalves Rodrigues e Estefânia Soares Paiva.

Céu Paiva

FOTO IMPÉRIO De Viriato Louro

Reportagens de Casamento em Vídeo

Revelações a cores no próprio dia.
Fotos tipo passe a cores em 3 minutos.
Rua Alves Roçadas, 13 — Telf. 212641 - Guarda.

CONSTRUÇÕES VIMAR, LDA.
E
IMOVAL - SOCIEDADE IMOBILIÁRIA, LDA.



SEDE: Apartado 1005 - Telefone: 211899

6301 GUARDA

CLÍNICA DENTAL

ATENDIMENTO PERSONALIZADO

Atendimento de 2.ª a Sábado
Urgência s/ marcação
Diagnóstico e tratamento dentário completo
Cuide da Saúde dos seus Dentes.



Marcação pelo Telf: 214526 Largo João de Deus, n.º 43 - 2.º - GUARDA
(Largo dos Correios Velhos)

233